

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

RESENHA

DOI: 10.47661/afcl.v12i23.22828

“O IDIOMA ALHEIO SERÁ MINHA PELE”¹

CASSIN, Barbara; SANTORO, Fernando; BUARQUE, Luísa. *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Verônica Costa
Doutora em Teoria da Literatura pela UFRJ

Resultado do interesse pela diversidade das línguas menos como um problema para a tradução em filosofia, e mais como possibilidade de enriquecimento cultural, linguístico e reflexivo, Barbara Cassin organizou, no ano de 2004, a obra *Vocabulário Europeu das Filosofias: dicionário dos intraduzíveis* [*Vocabulaire européen des philosophies: dictionnaires des intraduisibles*] – mais conhecida pelo subtítulo “Dicionário dos intraduzíveis”. A proposta principal da autora é pensar a multiplicidade de sentido operada pela tradução de termos filosóficos entre diferentes línguas e culturas, mas sem gerar hierarquias. Um trabalho extenso e rigoroso, fundado na crítica à questão do universal e na análise de concepções da tradução em filosofia e sua prática.

¹ Este título é tradução de um verso do poeta russo Ossip Mandelstam (1891-1937). MANDELSTAM, Ossip. *Polnoe sobranie sotchineni i pisem. V trekh tomakh. Tom pervi. Stikhotvorenia*. Moskva: Progress-Pleiade, 2009, p. 179.

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

A recusa por uma língua (europeia) dominante – “qual, aliás? –, definida por um acúmulo de heranças justapostas” (p. 16) – e o cultivo da pluralidade linguística, impeliu a autora a estudar palavras, expressões, termos, modos de sentir e, até mesmo, modos de se posicionar diante da realidade em 15 línguas europeias. Inicialmente, o projeto orientou-se pela reflexão de problemas de tradução organizados em 400 verbetes, que resultou em um total de quatro mil palavras e expressões estudadas, normalmente consideradas “intraduzíveis”. Digo inicialmente porque a obra não visa nem a uma completude extensiva nem à cristalização dos vocábulos e das expressões, isto é, o *Dicionário dos intraduzíveis* não fornece uma tradução cabal e definitiva de termos e conceitos, e sim procura pensar a polissemia inerente a algumas palavras e expressões que aparecem com frequência em filosofia e que podem ser consideradas como sintomas expressivos da falha na pretendida universalidade dos conceitos filosóficos.

O *Dicionário dos intraduzíveis* coloca em discussão a multiplicidade de sentidos semânticos como um dos desafios da tradução filosófica. E realiza, de forma crítico-reflexiva, um questionamento acerca das diferentes filosofias, mas sem reduzi-las a uma história da filosofia ou privilegiar – sequer propor! – correntes filosóficas. Para isso, Barbara Cassin organizou uma equipe com 150 professores, pesquisadores e tradutores de diversos países, interessados em pensar a própria língua e sua relação com outras. Foi utilizado, também, como base inspiradora metodológica da pesquisa, o *Vocabulário das instituições indo-europeias*, de Émile Benveniste. Possíveis traduções/versões/adaptações de palavras e expressões filosóficas são vistas a partir de diferentes perspectivas linguísticas.

Logo após o lançamento, o projeto alcançou reconhecimento para além da tradução em filosofia e recebeu “o prêmio de melhor obra de não ficção do ano na França” e, de modo original e sempre aberto ao diálogo, mobilizou “os gabinetes da União Europeia para as questões científicas, culturais, sociais e políticas referentes às línguas” (p. 6). O interesse pelo *Dicionário dos intraduzíveis* deu novos frutos. Em maio de 2018, Barbara Cassin passou a integrar a *Académie Française*. Ela recebeu neste mesmo ano, a *Médaille d’Or du CNRS*, a mais importante condecoração científica

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

na França, concedida pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* [Centro Nacional de Pesquisa Científica], pelo conjunto da obra, mas particularmente por sua Coordenação do Grupo de Pesquisa do CNRS sobre os intraduzíveis, e seus resultados. Pela primeira vez o prêmio foi concedido a uma mulher filósofa, antes fora concedido o prêmio de pesquisa científica à filosofia apenas uma vez, para o epistemólogo Georges Canguilhem.

O *Dicionário dos intraduzíveis* não ficou restrito à Europa e suas línguas. Atualmente o original francês já foi ou está sendo traduzido, adaptado e ampliado para diversos outros idiomas: inglês, espanhol, italiano, persa, árabe, romeno, ucraniano, russo, português e wolof.² Também estão sendo elaboradas versões em chinês e hebraico. É uma empreitada em constante atualização. Cada nova versão da obra enseja novas discussões filosóficas, históricas e linguísticas das (nas) diferentes línguas e linguagens. E desafia, a todo instante, o tradutor a rever sua compreensão de certos termos e conceitos filosóficos.

A edição brasileira, com a coordenação de Barbara Cassin, organizada por Fernando Santoro e Luísa Buarque, foi dividida em dois volumes. A editora Autêntica publicou o primeiro no final de 2018 com o título *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Esse volume, denominado “línguas”, realiza uma reflexão sobre “verbetes mais gerais, metaverbetes de certa forma, que examinam o funcionamento de um determinado idioma a partir de uma característica definidora” (p. 22). À guisa de exemplo, os próprios vocábulos “língua” e “filosofia” são considerados intraduzíveis dependendo das línguas e das culturas entre as quais opera-se a tradução. O segundo volume, em estágio de preparação, se chama “rede”. E dedica-se tanto à singularidade quanto à intraduzibilidade de uma única palavra e/ou expressão em uma determinada língua quanto à trama de relações operada pelas traduções. Ambos os volumes, discorrem acerca da “constelação semântica” (p. 242) inerentes à diferentes línguas e linguagens, reinterpretando – a partir de um diálogo permanente com o outro – o que designamos intraduzível. O “intraduzível” filosófico, nas palavras de Barbara Cassin, “é antes o que se não cessa de (não) traduzir” (p. 17); é o que está sempre *por*

² Um dos idiomas oficiais da República do Senegal, também falado em países limítrofes.

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

vir na dinâmica de sentido das línguas e se oferece como latência variada de sentido. São possíveis modos de sentir e pensar – em meio à pluralidade das línguas, linguagens e culturas – a alteridade e a equívocidade, evidenciadas na própria ação de traduzir.

O título – *Dicionário dos intraduzíveis* – é, por si só, bastante instigante. Uma leitura apressada poderia induzir à conclusão de que se trata de mais um dicionário, ou de outra enciclopédia de filosofia, em que um conjunto de palavras e expressões lexicais, “difíceis” de serem traduzidas foram vertidas para o nosso idioma. Ledo engano! Não há conceitos, ou definições; tampouco solução de tradução para determinado verbete, trazendo para o âmbito do conhecimento um discurso complexo, uma palavra que, devido à polissemia, possui diversos sentidos – até mesmo contraditórios. Por outro lado, a reflexão desencadeada em torno dos “intraduzíveis” não diz respeito à palavra que falha, ou considera “intraduzível” sinônimo de negação, como aquilo que é impossível, intransponível, um impedimento, o sonho de uma tradução. Intraduzível, seguindo o caminho aberto pelo *Dicionário dos intraduzíveis*, sugere possibilidades de sentido tanto de um determinado vocábulo quanto de uma língua ou forma de pensamento.

A reflexão em torno dos intraduzíveis flagra problemas da tradução em filosofia e, sobretudo, ressalta a importância do “encontro com a alteridade” (p. 12) na tradução filosófica. Para que haja este encontro não é preciso muito. É necessário apenas aproximar-se do outro não pela autoridade, mas *tão-somente* pela reciprocidade da curiosidade.

Interessante observar que os “intraduzíveis” surgem devido à riqueza da diversidade das línguas: entre elas e em si mesmas. E, também, pelo processo de relações históricas e da dinâmica das (nas) línguas operada pelas filosofias e sua transmissão. O *Dicionário dos intraduzíveis* leva-nos, portanto, a perceber que o sentido de um texto se constrói quando o tradutor é transpassado pelo outro. Consciente da presença da alteridade na construção do pensamento filosófico, a obra incita o diálogo com a diferença na sua força viva. Cabe, assim, ao tradutor de filosofia conduzir-se por caminhos de pensamento, veredas, que levam ao encontro com o outro, o não familiar, o estranho, na sua singularidade.

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

O *Dicionário dos intraduzíveis* é a primeira obra no português do Brasil a discutir sistematicamente as dificuldades que surgem na tradução filosófica, embora quase todas as obras de filosofia disponíveis em nosso idioma resultem de traduções diretas ou indiretas. Outra questão presente é a ideia de tradução como transposição de signos. Se traduzir se limitasse a abrir o dicionário e buscar equivalentes semânticos não haveria intraduzíveis. A prática tradutória, como diálogo e resguardo do outro, está situada para além de equivalências.

Muitas vezes, um mesmo vocábulo possui na língua tradutora uma riqueza semântica em que o sentido escolhido intervém na construção do pensamento. Essa diversidade de sentido exige do tradutor de filosofia uma postura tanto crítica quanto criativa na construção e reconstrução do pensamento na sua língua. Exige uma postura crítica porque a tradução de uma obra, termo ou expressão filosófica (ou não) se desdobra em escolhas, em decisões que intervêm na recepção e, mormente, na potencialidade do texto na língua tradutora. Estabelece ainda uma postura criativa – jamais arbitrária – na medida em que a recriação do sentido torna-se essencial para a experiência do outro na língua tradutora. O tradutor de filosofia, qual tradutor de literatura, não pode simplesmente “apagar” as passagens difíceis de serem traduzidas. Tampouco “explicar” partes da obra, privando o leitor da experiência com o pensamento. Por que negar aquilo que não pode ser compreendido com facilidade? Em vez de trazerem à proximidade realidades culturais, alguns “tradutores” oferecem efeitos colaterais. Ora, é preferível arriscar-se na tradução de um vocábulo e/ou expressão a abrir mão de traduzi-los. Tradução – aventura da (na) palavra. Nenhuma tradução esgota as possibilidades de uma obra ser traduzida. Cada tradução é uma forma original de acolher o outro na sua inteireza.

A pluralidade das línguas, nas suas diferenças entre si e nelas mesmas é considerada, no *Dicionário dos intraduzíveis*, acréscimo. Traduzir – ininterrupto. Isso decorre de que “não se trata de traduzir um texto de uma língua para outra, mas de *introduzir* uma trama complexa de várias línguas para outras línguas” (p. 156). Com isso, a classificação língua rica ou pobre, língua filosófica ou língua não filosófica, língua boa para tradução ou língua ruim para a tradução desaparece. Não existe uma

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

língua ideal para se traduzir filosofia (isso se estende às traduções poéticas). Uma palavra, verbete ou expressão considerada intraduzível em uma língua pode não ser em outra. Cada língua possui especificidades: seus modos de organização sintática, suas nuances de sentido. E cada tradutor estabelece uma relação singular com a obra que, na sua latência de sentido, se abre como horizonte de realização e possibilidade.

Faço aqui uma breve reflexão: a partir de quais critérios consideramos uma tradução “certa”, “errada”, “boa”, “ruim”, “melhor”? Acredito que escolhemos uma determinada tradução quando esta se aproxima de nosso projeto de tradução. Nenhuma versão, por mais indicada e elogiada pela crítica, esgota as possibilidades de leitura, interpretação e, principalmente, de tradução de um texto. A *enérgeia*, força que alimenta e impulsiona as diferentes obras de linguagem, não se esgota. O sentido de uma obra – traduzida, ou não – está sempre se fazendo. A tradução, portanto, não é a estação de chegada. É, antes, um movimento de incessantes descobertas que lançam o tradutor em travessia.

O leitor que deseja encontrar a “tradução verdadeira” de palavras e expressões recorrentes em filosofia irá perceber que o objetivo do *Dicionário dos intraduzíveis* não é apontar “erros” ou “desvios” de tradução. Nada de julgamentos valorativos, de “corrigir” traduções, de dar o veredito, de proferir a sentença final sobre uma palavra ou texto traduzido. Em cada tradução – possibilidades de tradução. O que faz a presente obra é despertar a atenção – tanto do leitor comum, quanto de tradutores – para as possíveis “transformações de pensamento” (p. 6) que as operações de tradução geram.

Os 17 ensaios reunidos no primeiro volume da versão brasileira do *Dicionário dos intraduzíveis* podem ser lidos em sequência, isoladamente, ou segundo os interesses do leitor. Esses ensaios versam sobre “a roda-viva das línguas” (p. 43) e tecem reflexões de como os problemas da tradução filosófica, colocados pelos intraduzíveis, podem ser encaminhados a partir da tensão entre o rigor linguístico e o vigor criativo do (no) pensamento. Cada tradutor envolvido no projeto deteve-se em algum aspecto (também poderia ser dito sintoma linguístico) que surgiu ao verter o texto para o vernáculo. Não foi atribuído “a nenhuma língua, viva ou morta, um estatuto especial” (p. 19). Antiga ou moderna, cada língua é um corpo vivo a criar possíveis linguagens, culturas e mundos.

Filippovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Por ser uma obra em transformação, isto é, uma obra orientada pela dinâmica das diferentes línguas, foram acrescentados à presente edição dois ensaios: “Brasil de muitas línguas”, da linguista Bruna Franchetto e “Intradução”, do filósofo Fernando Santoro. Esses textos são um acréscimo à “galáxia dos intraduzíveis” (p. 13). Vejamos algumas das questões suscitadas nestes escritos.

Em “Brasil de muitas línguas”, a autora considera o próprio vocábulo “língua” um exemplo de intraduzível e, a partir de um desdobramento crítico acerca da multiplicidade de línguas existentes em nosso país, observa que “o Brasil é, ainda, multilíngue. Além das línguas trazidas por imigrantes, das variedades regionais do português brasileiro e dos falares afrodescendentes, estima-se que no Brasil ainda sobrevivem, em graus variados de vitalidade, em torno de 160 famílias de línguas ameríndias [...]” (p. 77). Quantas seriam as línguas faladas no território brasileiro? Por que esta diversidade linguística é silenciada? Tais perguntas, seguindo a discussão encaminhada no ensaio, não almeja uma resposta quantitativa. Ele se orienta por uma reflexão daquilo que nós entendemos por língua. E sinaliza algumas das dificuldades de tradução das línguas ameríndias para o português do Brasil, e vice-versa. A diversidade de línguas ameríndias, marcadas por uma tradição essencialmente oral, com seus mitos e suas variantes, quando chegam até nós, normalmente é através da transcrição fonética e reescrita. Manter na transcrição a mesma cadência poética, os silêncios, as onomatopeias que, frequentemente, constituem traços da oralidade, é praticamente impossível. No que tange à tradução, as perdas são irreparáveis. Ou se faz uma tradução livre, ou tenta-se traduzir palavra a palavra – o que é impossível. A beleza da palavra poética desses textos é escamoteada.

Já no ensaio “Intradução”, Fernando Santoro pensa a tradução em filosofia como uma prática que se aproxima da tradução poética. Falar desta proximidade é bastante oportuno, pois há uma complexidade na tradução de obras poéticas e de pensamento. É preciso conciliar rigor criativo e vigor reflexivo, simultaneamente. Nenhuma tradução esgota as possibilidades de uma palavra, de um verbete ou texto serem traduzidos. Isso decorre de que a tradução não é um ponto final, e sim trânsito ininterrupto, circulação, passagem, travessia para a alteridade, em que o tradutor se desdobra em um coautor. Às

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

vezes, é preciso recriar o sentido do original para que este soe e ressoe na língua tradutora na sua originalidade. Para tanto, convém ao tradutor uma atitude consciente diante da obra, da língua a ser traduzida e da língua tradutora. Não basta buscar equivalências linguísticas entre as diferentes línguas. É necessário, imprescindível, deixar o outro, o estranho, o desconhecido soar e ressoar na língua tradutora na singularidade de sua alteridade. Isso envolve, de acordo com as reflexões de Fernando Santoro, um movimento de *intradução* – “o prefixo ‘intra’ diz o que está dentro. Na relação de passagem das traduções, aponta para a travessia das línguas que se adentram. A passagem não se faz do exterior e das margens, mas no interior da travessia” (p. 159). Ela transpassa o próprio tradutor que, tomado pelo desejo de traduzir, faz-se abertura para a obra.

Uma peculiaridade que chamou minha atenção no ensaio de Fernando Santoro é a reflexão: “um dicionário de conceitos se funda na universalidade conceitual. Um dicionário de intraduzíveis, ao contrário, alimenta-se da equivocidade e das ocasiões em que falha o universal” (p. 155). O filósofo, comumente, é visto como aquele que busca a verdade. Dizer que um dicionário de intraduzíveis “alimenta-se da equivocidade” não seria se afastar da verdade? De forma alguma. Interpretações rápidas podem deixar o essencial escapar. Pensar as palavras, buscando o que nelas vigora, é tarefa tanto do tradutor de filosofia quanto de nós mesmos, leitores. Equívoco não é desacerto, engano, fraude, erro. A palavra equívoco é, em nosso idioma, tradução da palavra latina *aequivocus*, formada por *aequi* (= correspondente, homólogo, similar, igual) e pela raiz *vox* (= voz). Etimologicamente, equívoco significa o que tem vozes similares, o que é ambíguo, isto é, o que possui e gera mais de um significado e dá lugar a várias interpretações.

A reflexão “um dicionário de conceitos se funda na universalidade conceitual. Um dicionário de intraduzíveis, ao contrário, alimenta-se da equivocidade e das ocasiões em que falha o universal” ressoa: a proposta do *Dicionário dos intraduzíveis* não é de interpretações unívocas, mas *tão-só* plurívocas. Um dicionário de conceitos repete o já dado, o que está cristalizado e, infelizmente, abre mão da dinâmica do pensamento. Um dicionário de intraduzíveis, pelo contrário, não está interessado em

Filíppovna, Verônica

O idioma alheio será minha pele. Resenha de: *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

paradigmas e concepções estabelecidas; nem considera que a tradução de textos filosóficos seja a mesma coisa que interpretá-los filosoficamente. O dicionário de intraduzíveis se interessa – alimenta-se – de ressonâncias de um original sempre por vir, à espera de traduções.

Eu poderia desenvolver comentários sobre cada ensaio reunido no *Dicionário dos intraduzíveis*, ainda assim, o leitor não seria privado de uma interpretação própria. “Cada texto é uma trama, e não um fio” – que provoca uma experiência singular com o pensamento que, como um caminho repleto de bifurcações, sugere várias direções – “e sua transposição para outra língua requer sempre ultrapassar a literalidade linear e considerar de modo reflexivo e criativo as ligações e redes das línguas e suas expressivas formas de elaborar o pensamento e constituir filosofias” (p. 14). Traduzir uma obra, qualquer que seja, exige atenção com as entrelinhas, os interstícios, as esquinas das palavras; é escutá-la, realizando um movimento de *intradução*,

Uma vez compreendido que o projeto do *Dicionário dos intraduzíveis* coloca em questão nossa noção de intraduzível, do que seja a tradução em filosofia e, principalmente, considera as diferenças linguísticas um enriquecimento, o próprio leitor começa a dialogar com possíveis “máscaras da filosofia” (p. 271) a partir de uma leitura própria. De modo crítico-reflexivo, a obra incita a liberdade de se aproximar do outro naquilo que ele é – possibilidades interpretativas, propostas de discussão, caminhos de pensamento... A fazer uma experiência com o que há de fundamental no intraduzível.

Que possamos acolher as redes de veredas no *Dicionário dos intraduzíveis*, talvez, assim, o diálogo com a alteridade seja uma constante não apenas em relação aos intraduzíveis filosóficos, mas também como horizonte próprio do pensamento.

[Recebido em outubro de 2018; aceito em outubro de 2018.]